

A. MENDES CORREIA

Ideologia do Século XX

Separata de A ÁGUIA, vol. V,
— 3.^a série. N.^{os} 28-29-30 —
Outubro a Dezembro de 1924

EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.da
178 — RUA DOS MÁRTIRES DA LIBERDADE — 178

IDEOLOGIA DO SÉCULO XX

INTELLIGIA DO SEGNDO XX

PRESTES a findar o primeiro quartel dêste século cabe perguntar se já nêle se descortina um património ideológico peculiar ou se estamos em presença dum mero prolongamento das ideias do século XIX. O eminente pensador espanhol Ortega y Gasset não hesita em responder que existe já um conjunto de ideias próprias do nosso século, e que perante êsse corpo de pensamentos novos e de desenvolvimentos inesperados de ideias anteriores, o pecúlio ideológico do século passado nos surge pobre, tósco, deselegante, impreciso, precário.

O que me parece é que os pensadores do século XX — e, falando em Ortega y Gasset, eu abro um parêntesis para, aos meus compatriotas que desconhecem ou querem desconhecer a Espanha, dizer que a paredes meias conosco floresce hoje uma alta cultura intelectual que agita e aprofunda os maiores problemas do pensamento contemporâneo — o que me parece, repito, é que os pensadores do século XX, sem de modo algum deixarem de trazer novos materiais e pontos de vista em correspondência com uma febre de realizações práticas que são uma brilhante cúpula dos progressos técnicos do século passado, têm, no domínio filosófico, reflectido com uma angústia ainda maior do que antes, as incertezas e as hesitações, que, por entre os clamores triunfais dos crentes nas «verdades eternas da Sciência», se esboçavam já mais ou menos intensamente antes de 1900.

Bertrand Russell proclama o colapso da civilização, assegurando que a Sciência não trouxe ao Homem benefícios morais mas apenas um acréscimo de poder. Guiglielmo Ferrero, a propósito dum recente livro de Pittard, salienta a reacção que se está operando no mundo científico em relação a teorias e interpretações que pareciam assentes e que nos últimos tempos estão sendo cada vez mais envolvidas em reservas e dúvidas. Mas é justo reconhecer que muitas dessas reservas veem já do século passado, convindo não esquecer que muitíssimo antes de 1900 La Brunétière proclamara a «falência» da Sciência. E, antes que Le Dantec, aliás encerrado em concepções biológicas exclusivistas, condenasse o nominalismo pedante de cientistas que têm pejado a terminologia erudita de designações complicadas dadas a entidades inteiramente desconhecidas, já Molière castigara

o enfatado verbalismo que solenemente explicava o facto de o ópio produzir o sono por naquela substância existir a *virtus dormitiva*. . . ¹

Algumas *explicações* da ciência contemporânea não valem na verdade mais do que essa ou do que a *vis plastica*, o *succus lapidescens*, o *spiritus lapidificus*, a *aurã seminalis*, o *lusus naturæ*, ou outras quejandas *explicações* antigamente propostas para os fósseis, cuja verdadeira natureza assim se mostrava afinal ignorar.

Espantamo-nos hoje com a ingenuidade encantadora dalgumas dessas fórmulas: não será ousado prevêr os sorrisos que por-certo aflorarão aos lábios dos vindouros ao atentarem em algumas das teorias e suposições da nossa época, ainda das reputadas duma sólida base científica.

Por um extranho paradoxo, a maior descoberta que o progresso tem trazido ao homem, é a da sua fundamental e infinita ignorância. De facto, temos de reconhecer que, nos anos já decorridos do século XX, se acentuou dum modo notável, com a vertigem maravilhosa das aquisições materiais, a insatisfação intelectual de todos os homens cultos que não conseguiram subordinar os anseios dos seus espíritos à tranqüilidade suprema e ambicionável duma crença dogmática, embora na sua conduta adoptem regras que são sobrevivências de primitivos tabús.

A desordem social (que a guerra agravou formidavelmente e que subverterá porventura a nossa civilização), a incontestável sôma de realizações práticas e de descobertas de carácter técnico, enfim tudo o que constituiu a fisionomia da cultura material do nosso tempo (e neste quadro incluímos a desordem económica e social, porque não merece figurar no aspecto ideológico da cultura, tão grosseiramente materialista ela se apresenta) ergue-se em face dum edifício minado nos seus alicerces por graves riscos: o pensamento contemporâneo. Êste encontra-se atravessando uma crise sem igual. Ascendendo a alturas cada vez maiores, manifestando uma aspiração idealista cada vez mais viva, porisso mesmo cada vez mais se isola, se aristocratiza, se distancia das multidões, do grande número, dos movimentos colectivos, da vida política e das reivindicações sociais.

* * *

Sem dúvida a actividade orgânica e criadora não se esgotou na filosofia e na ciência pura.

¹ Com felicidade, Le Dantec mostrava o que há de ôco verbalismo sobretudo em teorias da imunidade e da serologia. Certo sôro sanguíneo produz um dado fenómeno: é porque contém uma *fenomenina!*. . . O que se sabe afinal de muitas fenomeninas?

À cosmogonia de Laplace sucederam as de Chamberlin, Moulton, Belot, etc., á física de Newton a de Einstein, ás doutrinas geológicas de Marcel Bertrand e de Suess a de Wegener, ao evolucionismo exclusivista dos neo-darwinistas as hipóteses ecléticas de Baldwin e Osborn. Surgiu, quanto á origem humana, o neo-monogenismo, por entre uma multidão de concepções novas, perante as quais as de Hæckel, que tanto haviam escandalizado o orgulho humano e as noções confessionais, não passam de devaneios quâsi gratuitos ¹. No terreno objectivo dos documentos e materiais, quantas novidades!

A crise existe sobretudo nos problemas mais transcendentos e a sua gravidade deriva do facto de dêles se não poderem desinteressar as almas que se não confinam numa concepção estreita, glutona, comodista, da vida e do Universo.

Nas reorganizações científicas do século XX encontra Ortega y Gasset um traço comum: a tendência para a autonomia dos vários ramos científicos. Efectivamente, di-lo êle, a física de Einstein não é matemática abstracta, mas propriamente física, a biologia de Uxkull e Driesch é sobretudo biologia e não uma físico-química dos seres vivos, a filosofia da história de Spengler é, acima de tudo, uma tentativa de interpretação *histórica* da história, emancipando esta dos exclusivismos geográficos, etnológicos, económicos, etc.

Confesso que não consigo encontrar nos vários ramos do saber do século actual a expressão constante duma tal tendência para o isolamento das várias sciências em compartimentos estanques. Há, é certo, uma reacção contra as concepções simplistas anteriores ², que, com um unilateralismo demasiado e uma ingénua confiança, julgavam resolver as difficul-

¹ Cf. meu livro *Homo*, Coimbra, 1921, e os meus artigos mais recentes *Novas discussões sobre a origem do homem* («Trabalhos da Soc. Port. de Antrop.», Pôrto, 1923), *La généologie humaine et le polyphylétisme* («L'Anthropologie», Paris, 1923) e *L'origine de l'homme* («Scientia», Bologna, 1924).

² Já vão longe os tempos em que com verdadeira candura se supunha possível resolver pela linguística e até pela antropologia certos problemas de história étnica. O livro recente de Pittard *Les races et l'histoire* (Paris, 1924) espelha muitas das reservas e dúvidas que, pela minha parte, exprimi também nos artigos *Os problemas da análise etnológica* («Rev. da Fac. de Letras do Porto», Pôrto, 1922) e *L'hérédité mendelienne et l'analyse ethnologique* («Natur und Mensch», Berne, 1922), e últimamente reeditei nos *Povos Primitivos da Lusitania* (Pôrto, 1924, pp. 143 e segs., 311 e segs., 356 e segs., etc.). Avançaram-se muitas conclusões prematuras. Houve a fascinação por certos elementos, como o índice cefálico, de que se abusou. Em alguns assuntos, como nas questões ariana, céltica, etc., engendrou-se um caos. Impôz-se a necessidade de se fazer tábua rasa de muitas matérias, e recomeçar.

dades tentando explicar cada grupo de fenómenos em função de outros, — como, por exemplo, a vida pela física e pela química, os factos sociais pela biologia, pela geografia, pela antropologia ou pela economia, etc.

Mas se êstes exclusivismos são abandonados, a nova orientação não se traduz num novo exclusivismo, que seria a segregação absurda dos vários domínios em que a observação humana decompõe a realidade una e sem limites. Pelo contrário, há permanentes osmose de sciência para sciência: nunca se sentiu tanto como hoje a união da matemática com a física ou mesmo com a biologia (v. g. a biométrica) e com a sociologia (montanhas de estatísticas), nunca se estabeleceu uma tão estreita conexão entre os fenómenos de todas as ordens na interpretação da História.

* * *

O que se verifica é que o espírito humano é acanhado de mais para conseguir elaborar as sínteses supremas que a dissecção realizada dos factos exigiria nesta altura. Encerrado em tautologias angustiosas, deba-tendo-se em círculos viciosos que o apertam como tenazes de fogo, mas tendo conseguido supôr que no fundo e além das realidades que vê, há outras realidades para cujo conhecimento satisfatório não tem sentidos suficientes, nem aparelhos auxiliares bastante poderosos, nem sequer uma estrutura cerebral que permita adquirir a noção objectiva da claridade suprema que presume, experimenta hoje mais do que nunca o verdadeiro suplício de Tântalo.

O que se passa com as geometrias não euclidianas, com o Universo quadridimensional de Minkowski, com a física de Einstein, com a tentativa duma morfologia da cultura de Leo Frobenius, com a concepção extra-scientífica da história, com algumas formas de arte *infinitesimal*, dá bem a ideia da dolorosa insatisfação que na hora presente tortura os espíritos cultivados, num contraste tremendo com a incompreensão e com a descuidada existência das turbas e dos filisteus.

A inteligência do século XX sabe que vêmos a realidade dum certo modo mas que nem dela vêmos senão uma parte mínima nem a forma por que a vêmos no-la dá como ela é de facto. Por mais que repugnem á nossa concepção corrente das cousas as geometrias não euclidianas (que nos apresentam a sôma dos ângulos dum triângulo como diferente de dois rectos e que já vêm do século XIX, dos Gauss, dos Riemann, etc.), por mais que nos repugne admitir que o que nós dizemos uma recta não é senão uma curva dum raio enorme, o certo é que, nesta altura do século XX,

essas geometrias são ditas tão *verdadeiras* como aquela que nos ensinaram desde instrução primária.

Leibnitz, num trecho citado algures, escrevia que não concebia as cousas desconhecidas ou confusamente conhecidas senão pelo modo por que concebia as distintamente conhecidas. O vulgo da actualidade, como o do passado, não procede, dentro da sua esfera intelectual (que não é decerto a do grande filósofo e matemático alemão), duma maneira diferente. Todos nós sentimos uma tendência natural para conceber o universo dentro dos quadros necessariamente restrictos da nossa mente.

O século XX, que é o século da aviação, da navegação submarina, da telefonia sem fios, e que será também porventura o século duma grande derrocada social e já o é duma grande derrocada europeia, exprime na sua feição intelectual mais transcendente e subtil o esforço mais extraordinário que o pensamento tem feito para ultrapassar os seus próprios limites naturais ¹.

Êste é que é, a meu vêr, o traço dominante da ideologia do primeiro quartel dêste século, e precisamente pelo que nela há de aspiração *hiper-psíquica*, de anseio de visão além duma realidade deformada e infinitamente lacunar, é que nunca como hoje as multidões se encontraram tão longe dos espíritos cultivados, cujo requinte intelectual não podem compreender e condenam por artificioso, anti-natural e desumano, quando os seus mais altos e belos esforços significam afinal a mais hercúlea vontade de penetrar no mistério de tôda a realidade, duma realidade integral, que não é êsse panorama limitado que todos vêmos e que muitos, na sua incomensuravel ignorância, julgam compreender e interpretar.

¹ As frequentes tentativas, últimamente renovadas, para a reconstituição duma pretendida Atlântida, sugerida pelos conhecidos textos platónicos, exteriorizam essencialmente uma sequiosa paixão de penetrar nos mundos misteriosos que se occultam atrás duma realidade presente, fonte inexgotável de desilusões.

Entre nós o tema do sebastianismo tornou-se de actualidade, como assunto envolto nas brumas e no sonho. E as discussões que êsse sentimento e a personagem de D. Sebastião têm suscitado, resultam de nunca ter havido, como hoje há, uma tão violenta colisão, um tão irreductível antagonismo, um abismo tão profundo, entre a razão prática, fundada numa experiência imediata e banal, e o pensamento transcendente, que reflecte uma experiência íntima, de mais rasgados vãos e perante a qual aquela é um divertimento singelo de crianças teimosas ou inocentes.